

Eu sou afligido

Por essa razão oro, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, em favor de vocês, gentios.

Certamente vocês ouviram falar da responsabilidade imposta a mim em favor de vocês pela graça de Deus, isto é, o mistério que me foi dado a conhecer por revelação, como já lhes escrevi em poucas palavras. Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus, significando que, mediante o evangelho, os gentios são coerdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus. Deste evangelho me tornei ministro pelo dom da graça de Deus, a mim concedida pela operação de seu poder.

Embora eu seja o menor dos menores de todos os santos, foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo e esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas. A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor, por intermédio de quem temos livre acesso a Deus cru confiança, pela fé nele. Portanto, peço-lhes que não desanimem por causa das minhas tribulações em seu favor, pois elas são uma glória para vocês.

Maaz descende de uma longa e importante linhagem de muçulmanos. Sua família se mudou para a Palestina por volta de 700 d.C. No século 12, seu tataravô recebeu, como presente do rei Saladino, a única casa existente no complexo do Domo da Rocha. Seus ancestrais continuaram a servir como muftis e imanes de Jerusalém até que seu avô rompesse o legado, abrindo a primeira agência de viagens em Israel. O pai de Maaz se casou com uma norte-americana e se mudou para os Estados Unidos, onde Maaz nasceu.

Apesar de viver nos Estados Unidos, a família de Maaz permaneceu muçulmana. Contudo, à medida que Maaz era exposto ao cristianismo, o Espírito Santo começou a trabalhar em sua vida. "Eu nasci aqui nos Estados Unidos, onde a ideia de conversão religiosa é comum e culturalmente aceitável, embora minha família não pensasse assim", diz ele. "Jesus me salvou depois de me mostrar a total depravação do mundo, algo bastante evidente na cultura norte americana."

A conversão ao cristianismo teve fortes e dolorosas implicações para Maaz, que vinha de uma família bastante unida e intensamente islâmica. "Eu sabia que a conversão me colocaria em sérios problemas com a família", reconhece. "Por outro lado, também sabia que estaria em apuros ainda maiores caso não o fizesse. Deus me ensinou rapidamente a depender dele e agir por amor a ele."

A família reagiu de maneira drástica: "Meu pai me renegou e ficou sem falar comigo por um tempo. Mas o Espírito me impeliu a procurá-lo e mostrar-lhe o amor que Alá ou qualquer muçulmano jamais lhe havia mostrado".

Hoje, embora o pai de Maaz não seja cristão, houve alguma reconciliação. O pai já não se apega às crenças religiosas muçulmanas e voltou a conversar com o filho. No processo, Deus usou o sofrimento de Maaz para fazê-lo amadurecer em benefício de outros. "O Espírito Santo também me mostrou como evangelizar os muçulmanos e ter coragem em prol da missão e da glória de Deus. Aprendi que não há pessoas realmente intimidadoras – o que existe são pessoas perdidas."

VOCÊ VAI SOFRER

Se nós estamos em Cristo, nossa expectativa deve ser a de sofrer como e para Cristo. Nós adoramos um Deus que veio para a terra e sofreu aflições. E, ao longo das Escrituras e da história da igreja, os que o serviram mais fielmente foram afligidos mais dolorosamente. Entre os mais célebres está Paulo.

Antes de sua nova identidade em Cristo, Paulo perseguia cristãos, como fez com o diácono da igreja primitiva, Estêvão, cujo assassinato ele supervisionou (At. 7). Uma vez nascido de novo em Cristo, deixou de afligir cristãos para ser afligido como cristão, tendo até mesmo escrito algumas de suas cartas, como Efésios, na prisão.

Paulo sabia o que era ser afligido e também como era assistir à aflição daqueles a quem amava. Por essa razão, após duras provações e lágrimas derramadas, ele alcançou clareza e credibilidade no que diz respeito a sofrimento. Suas palavras alteram concepções e concedem vida aos afligidos.

Muitas vezes, somos tão consumidos por nossos sentimentos acerca do sofrimento que não conseguimos refletir a respeito dele com a mesma profundidade como o faz a Bíblia, que tem muito a dizer e a exemplificar sobre a aflição. Por exemplo, os lamentos ou gemidos em meio à dificuldade contabilizam cerca de um terço das orações e dos cânticos que compõem Salmos. O livro inteiro de Lamentações é um relato honesto e doloroso escrito em tempos de aflição. Ademais, todos os livros proféticos do Antigo Testamento, com exceção de Ageu, incluem um lamento dessa ordem.

Sem uma compreensão plenamente bíblica da aflição, diagnosticamos de modo equivocado as dificuldades que nós (e outros) sofremos, e com isso erramos o diagnóstico tanto da causa como da cura. Isso ocorre inevitavelmente quando tomamos apenas parte do que as Escrituras dizem sobre determinado assunto e então a aplicamos da maneira errada a todas as situações. Tal vez o exemplo mais famoso disso se refira aos amigos de Jó, que só entendiam o sofrimento dele como punição de Deus pelo pecado. Assim, em vez de confortar o amigo, eles o repreenderam injustamente.

A aflição nas Escrituras, tal como nossa aflição pessoal, não é metódica, ordenada ou sistemática. A vida é mais complexa que clara. Embora não seja possível responder a todas as dúvidas dos que sofrem aflição, penso que pode ser útil retomar e analisar catorze tipos de aflição citados nas Escrituras.

Catorze tipos de aflição mencionados nas Escrituras

1. Aflição Adâmica. Quando Adão pecou, a implicação do pecado caiu sobre todos nós; herdamos uma natureza pecaminosa (Rm. 5.12-21) e nascemos num mundo decaído (Rm. 8.18-23). Como resultado, há aflições que são simplesmente consequência de fazermos parte da raça de Adão. Todos sofrerão em níveis e de modos variados por causa do pecado de Adão, de nosso pecado, do pecado de outros e da maldição que permeia toda a criação. Isso persistirá até que Jesus volte, remova o pecado e seus efeitos, ressuscite os cristãos da morte e instaure uma nova criação. Assim, devemos aceitar que o sofrimento faz parte da vida neste lado do reino.

2. Aflição punitiva. Deus julga os descrentes e os pune pelo pecado. Entre os exemplos bíblicos estão o julgamento de Deus sobre Sodoma e Gomorra e sobre o faraó no Egito. Tal forma de punição revela a justiça de Deus. Ela põe fim à obra do pecado abominável, de modo a conceder alívio aos que sofrem nas mãos de malfeitores, revelar aos descrentes a urgente necessidade de se arrepender do pecado e depositar sua fé em Deus a fim de evitar o castigo eterno, e encorajar os

crentes de que Deus não se deixa escarnecer e a fé nele não é inútil. Deve-se perceber que Deus não pune os que estão em Cristo no mesmo sentido que ele pune os não cristãos, pois Jesus já cumpriu a pena pelos pecados de seu povo. Dessa forma, Deus seria injusto ao condenar à morte também os cristãos. Por isso, mesmo que um cristão e um não cristão venham a enfrentar o mesmo sofrimento, Deus faz diferente uso dessa experiência para cada indivíduo.

3. Aflição consequencial. Às vezes sofremos devido a decisões insensatas. Há exemplos disso em todo o livro de Provérbios: o preguiçoso passa fome, os adúlteros colhem o que plantaram, os tolos sofrem prejuízos e os maus administradores empobrecem. Na prática, grande parte do sofrimento é consequencial, resultado de nossas decisões.

4. Aflição demoníaca. Uma vez que Satanás está vivo e age no mundo, a aflição demoníaca é bastante real. Isso inclui tormento (At. 5.16), danos físicos (At. 8.4-8), engano decorrente de falsos milagres (2Ts. 2.9-10), acusação (Ap. 12.10) e até a morte (Jó 8.44). Às vezes pode ser bem difícil discernir o sofrimento demoníaco; infelizmente, Satanás costuma ser acusado pelo sofrimento quando estamos, na verdade, sofrendo aflição consequencial por nossas próprias decisões. Entretanto, a aflição demoníaca é real e, assim, não deve ser descartada pelo fato de alguns lançarem erroneamente sobre Satanás a culpa de tudo.

5. *Aflicção da vítima.* As vítimas sofrem aflicção por conta do pecado de outros. Uma parte constante e pesada do ministério pastoral consiste em tratar exatamente disso. Desde meu início na Mars Hill Church, no outono de 1996, não consigo pensar numa única semana em que não ouvi uma história devastadora sobre alguém que foi espancado, estuprado, molestado, roubado, enganado ou coisas semelhantes. Um exemplo recente é uma mulher que perdeu a virgindade nas mãos do pai, que a estuprou. Chorar era tudo que eu podia fazer enquanto ela me contava a violência que suportou. Quem não está nas linhas de frente do ministério não consegue imaginar a dor tamanha que as pessoas carregam pelo pecado cometido contra elas. O mal é real, e seus efeitos devastadores são evidentes na vida de muitos.

6. *Aflicção coletiva.* Às vezes sofremos em decorrência de sermos parte de um povo sofredor. Um exemplo bíblico é o fato de os profetas do Antigo Testamento arrependem-se frequentemente, não só de seus pecados, mas também dos pecados de seus antepassados e de sua nação. Eles lamentavam o sofrimento que Deus permitira cair sobre eles como castigo. Não somos indivíduos isolados e autônomos. Somos membros de famílias, nações e culturas - e todos esses sofrem. Como resultado, sofremos simplesmente por causa de nossos laços familiares ou de nacionalidade. Da mesma forma, os que nascem na pobreza, na fome, nas provações, na guerra, entre outros, sofrem simplesmente por causa do lugar e do tempo em que nasceram.

7. Aflição disciplinadora. Deus castiga os crentes a fim de fazê-los endurecer. Há exemplos disso nos livros de sabedoria (Pv. 3.11; 13.24; 15.5), nos livros proféticos (Sf. 3.7) e no Novo Testamento (Hb. 12.7). As Escrituras afirmam de modo claro que a disciplina provém de Deus, que nos ama e é como um pai honrável que nos corrige visando a nos fazer amadurecer e a nos salvar dos danos do pecado. Ainda que esse tipo de sofrimento não seja agradável no momento em que é vivido, adiante enxergaremos os efeitos da obra de Deus e lhe agradeceremos por agir continuamente em nosso crescimento na santidade e nos bons frutos.

8. Aflição vicária. Às vezes os que estão em Cristo sofrem porque os ímpios se opõem a eles. Como exemplo, é possível citar os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento. A aflição vicária ocorre em graus variados, desde a oposição até a perseguição. A perseguição física leva alguns a uma morte dolorosa por Cristo, enquanto os que sofrem oposição verbal têm uma vida dolorosa por Cristo, sendo difamados, caluniados, acusados falsamente, zombados e perseguidos. Foi esse o caso de Maaz, cuja história contei no início do capítulo. Ele nasceu numa cultura hostil ao evangelho e sofreu em virtude de sua devoção a Jesus numa família que se opôs a ele e o renegou

9. Aflição empática. Trata-se do sofrimento decorrente de quando alguém que amamos está sofrendo. A Bíblia diz que isso será comum

na igreja, pois quando as pessoas que amamos sofrem, nós sofremos juntos (Rm. 12.15; 2Co. 2.4).

10. Aflição testemunhal. Há sofrimento que serve para demonstrar o evangelho, de modo que outros apreciem e entendam melhor Jesus. Essa espécie de sofrimento põe à prova nossa identidade em Cristo, confirma que somos cristãos verdadeiros, fortalece nossos irmãos em Cristo e evangeliza os não cristãos. O exemplo clássico é o casamento de Oseias com Gômer. Para ilustrar a devoção de Jesus à igreja, Deus chamou o profeta a se casar e permanecer casado com uma mulher infiel.

11. Aflição providencial. Alguns de nós sofremos para aprender uma lição sobre Deus, de modo que nossa adoração aumente. Os exemplos incluem a prisão de José no Egito, onde seu sofrimento resultou em muitos que foram salvos fisicamente da fome e espiritualmente do pecado. A verdade é que Deus pode ter propósitos maiores ao permitir o sofrimento, mais do que é possível discernir à primeira vista.

12. Aflição preventiva. Às vezes o sofrimento nos alerta de maiores desgostos que se sucederão se não dermos atenção aos alertas divinos. Essa classe de sofrimento é indicativa da própria natureza amorosa de Deus, que nos permite passar por níveis menores de dor (por exemplo, uma dor lateral) a fim de nos alertar de níveis maiores (por exemplo, a ruptura de um apêndice).

13. Aflição misteriosa. Às vezes Deus, em sua providência, escolhe não revelar a razão de nosso sofrimento. Como dizem as Escrituras, nós conhecemos em parte (1Co. 13.9). Jó é o exemplo mais óbvio desse tipo de sofrimento, pois, durante o período de dificuldade, ele não tinha consciência do que estava ocorrendo entre Deus e Satanás. Em minha opinião, essa categoria é incrivelmente importante porque, se formos humildes e honestos, a verdade é que a vida quase nunca é tão clara quanto nas categorias anteriormente listadas.

14. Aflição apocalíptica. A Bíblia discorre sobre a progressão do sofrimento que sinalizará o fim desta era, como visto nas profecias do Antigo Testamento (Is. 24-27; Jr. 30-33; Ez. 33-48; Dn. 2-12; Zc. 12-14) e de Jesus (Mt 24.3-44; Mc 13). Embora não saibamos quando será o fim desta era nem quando Jesus há de voltar, sabemos que os cristãos vivos no capítulo final da história humana sofrerão grandemente por estar em Cristo. Apesar de não devermos viver com medo desse futuro, tampouco buscar predizer sua ocasião, essas passagens servirão como guia especialmente útil nos momentos de maior necessidade.

E quanto a você? Como são as aflições em sua vida? Com base nas categorias apresentadas, qual você acredita ser a causa de seu sofrimento, e o que Deus pode estar ensinando nesse processo? Em que sentido seus conhecidos estão sofrendo aflições? Como você poderia confortá-los e aconselhá-los? Alguma vez você compreendeu

equivocadamente suas dificuldades e não avistou Deus no meio de seu sofrimento?

TROCANDO O "POR QUE" PELO "QUEM"

Com demasiada frequência, quando sofremos, nós nos questionamos se Deus é soberano ou bom. Alguns se inclinam a crer na soberania de Deus ao mesmo tempo que diminuem a bondade divina. O resultado é um Deus frio e distante, que não pode ser nosso consolador. Outros tendem a minimizar a soberania de Deus ao mesmo tempo que preserva bondade divina. O resultado é a falsa visão de um Deus que não deseja o sofrimento, mas é incapaz de detê-lo. Infelizmente, quando a soberania ou a bondade divina são questionadas, ficamos sem conforto nem ajuda, pois a dor distorce nossa perspectiva de Deus.

Diversas vezes a Bíblia revela que Deus é tanto soberano como bom. Para os que estão em Cristo, isso significa que tudo na vida, incluindo nosso sofrimento, vem da mão dele ou passa por ela. Ademais, mesmo quando intencionado para o mal, nosso sofrimento é usado por Deus para o bem. Teologicamente, foi isso o que Paulo quis dizer ao declarar: "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam" (Rm 8.28). E é precisamente o que José disse aos seus irmãos, que procuravam destruí-lo: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem" (Gn. 50.20).

A Bíblia não promete que veremos de imediato Deus agir em toda aflição para sua glória e para nosso bem - nem mesmo que veremos isso acontecer nesta vida -, mas, para os que estão em Cristo, é certo que, nesta vida ou na vindoura, a promessa de Deus se concretizará.

Até esse dia, não raro será difícil acreditar na bondade e na soberania de Deus diante do nosso sofrimento. Temos a inclinação de perguntar *por que* a Deus, o que é perigoso, pois nos coloca no assento de juiz e Deus no de réu. É certo que, por vezes, trata-se simplesmente de uma reação emocional vinda de uma pessoa ferida, e existem até mesmo precedentes bíblicos. Em tais casos, queremos ajudar os que sofrem, e não condená-los. Porém, como nas Escrituras, em face do sofrimento é importante substituir o *por que* pelo *quem*.

A pergunta "Quem?" não busca respostas de Deus, mas sim o próprio Deus. Aquele que pergunta "Quem?" procura crescer em entendimento de quem Deus é e de quem nós somos, pois, quando sofremos, Deus (e uma confirmação de nossa identidade em Cristo) é aquilo de que mais precisamos - mais que respostas, até mesmo as úteis e bíblicas. É por isso que o salmista, mesmo quando se pergunta "Por quê?" a respeito de seu sofrimento, passa a afirmar "Quem" ao exclamar o que conhece sobre Deus:

Falarei dos teus testemunhos diante de reis, sem ficar envergonhado. Tenho prazer nos teus mandamentos; eu os amo. A ti levanto minhas mãos e medito nos teus decretos. Lembra-te da tua palavra ao teu

servo, pela qual me deste esperança. Este é o meu consolo no meu sofrimento: A tua promessa dá-me vida. Salmos 119. 46-50.

NÃO PERCAM O ÂNIMO

Não é raro os cristãos desanimarem por causa da aflição, e geralmente nos sentimos culpados e incertos quanto ao que fazer a respeito. Afinal, sabemos que Deus é bom, nos ama e nos concede graça. Mas às vezes, em vista de nosso sofrimento, o cristianismo parece não "funcionar".

Ainda que não nos impeça de sofrer aflições, a vida em Cristo nos capacita a suportar qualquer coisa pela graça de Deus, para a glória dele e para o nosso bem. Um exemplo de tal resistência aparece em Efésios 3.1-13. Com base nessa passagem das Escrituras, aprendemos não só a respeito da convicção de Paulo, mas também sobre sua compaixão.

Os cristãos espalhados nas igrejas em Éfeso como nos arredores da cidade passavam por uma fase de desânimo. Eles sofriam aflição coletiva, vicária, empática, testemunhal, demoníaca e providencial. Seu pastor, Paulo - que plantou a primeira igreja na região, trabalhou duro por anos para treinar outros líderes e muito os amava -, estava preso na distante Roma e sofria, ao menos, as aflições adâmica, demoníaca, de vítima, coletiva, vicária, testemunhal e providencial. Encarcerado e solitário, passando frio e fome, num provável e literal

buraco no chão transformado em cela, o pastor daqueles cristãos também devia se sentir desanimado. Ele não sofria apenas como cristão, mas por ser cristão, chamando a si mesmo de "prisioneiro de Cristo Jesus" (3.1).

Paulo sofreu por causa de seu amor por Jesus. Como resultado, ele não podia desfrutar da companhia dos irmãos cristãos. O exemplo de desânimo cristão em Efésios 3 vem da pena de um homem possivelmente deitado num chão frio no escuro, o corpo dolorido de tantas pancadas, falando com legitimidade de suas "tribulações" ao mesmo tempo que exorta seus irmãos e irmãs em Éfeso a que "não desanimem" (v. 13).

Como é possível, à semelhança do apóstolo, sofrer aflição sem perder a afeição? Qual o segredo para evitar desânimo, amargura, descrença, raiva, mau humor, indiferença ou rebeldia? Como nós, vítimas de intrigas, maus-tratos, agressão, traição, escárnio, abandono, roubo, calúnias e adultérios "não desanimamos" em tempos de sofrimento?

Paulo não nos fornece instruções concisas para a vitória. Ele não banca o durão, dizendo que precisamos ter firmeza, seguir em frente e parar de chorar como bebês. Ele não assume o papel de hiperespiritual, citando um monte de versículos bíblicos que não prometem nada além de bênçãos e proteções àqueles que amam a Deus. Ele não oferece o sorriso otimista habitual, afirmando levianamente que Deus deve ter

algo melhor reservado para nós. Ele não aponta o dedo aos gritos de "Arrependam-se!", presumindo que nosso sofrimento seja resultado direto do pecado, que precisa ser confessado e do qual *devemos* nos arrepender se esperamos interromper o sofrimento. Ele não nos prescreve o tratamento de rotina, lembrando-nos que alguém, em algum lugar, está em situação muito pior. E ele não segue a linha religiosa oriental, dizendo que o sofrimento não passa de uma ilusão.

Em vez disso, Paulo mostra profunda reflexão sobre o sofrimento enquanto ele mesmo sofre profundamente. O apóstolo inicia Efésios fazendo considerações acerca do sofrimento, apresentando-se como Paulo, "prisioneiro de Cristo Jesus" (3.1), e encerra essa passagem dizendo: "Portanto, peço-lhes que não desanimem por causa das minhas tribulações em seu favor, pois elas são uma glória para vocês" (3.13).

Visto que as aflições tanto nos custam, elas se tornam preciosas demais para ser desperdiçadas. Apesar de Deus não ser necessariamente a causa de sua aflição, ele pode fazer uso dela para a glória dele, para o benefício de outros e para o seu crescimento - se você estiver em Cristo. Quando deixarmos de dissecar nosso sofrimento e de tentar evitá-lo, quando o recebermos como oportunidade em Cristo de crescer, glorificar a Deus e partilhar o evangelho, só então começaremos a "não desanimar" e a encontrar alegria em nossas circunstâncias, sejam quais forem elas.

Afligidos para a glória de Deus

Paulo não era afligido porque pecava, mas sim porque outros pecavam contra ele. O imperador romano Nero mantinha Paulo na prisão, mas, em última análise, o apóstolo sabia que Jesus Cristo, o Rei dos reis, reinava acima de Nero. E, em meio ao sofrimento, Paulo não consumia sua mente pensando em si mesmo, mas sim em seu Salvador Sofredor. É por isso que ele se dizia "prisioneiro de Jesus Cristo". A chave é essa.

Ao sofrer, devemos pensar profundamente no sofrimento de Jesus, de modo a não desperdiçar nossa aflição, mas utiliza-la para a glória de Deus. Nosso Deus não sofreu para que não sofrêssemos. Ele sofreu para que, quando sofrêssemos, pudéssemos nos tornar cada vez mais semelhantes a ele e apontássemos cada vez mais pessoas na direção dele.

Um exemplo é meu amigo, o pastor Matt Chandler, presidente da Atos 29, uma rede de plantação de igrejas. Jovem e saudável, com uma bela família e uma igreja que cresce a passos largos, ele subitamente desmaiou, batendo com a cabeça na cornija de sua lareira, e acordou num hospital. O diagnóstico: tumor cerebral. Apesar de sua aflição, ele continuou a pregar o evangelho e a amar sua família com total dedicação. Quando o repórter de um importante meio de comunicação ligou a fim de me entrevistar para uma matéria sobre Matt, eu lhe perguntei o que ele havia aprendido ao estar perto da família Chandler.

O homem não era cristão, mas me relatou que ficou bastante impressionado com a fé que eles tinham em Deus, a humildade, o amor pelas pessoas e a autenticidade. O motivo? Matt não desperdiçava sua aflição.

Assemelhar-se a Jesus no sofrimento requer primeiramente reflexão sobre o sofrimento de Jesus. Após a última ceia, Jesus se viu tão angustiado com sua crucificação iminente que, enquanto seus amigos dormiam e deixavam de cumprir o que ele lhes pedira, permaneceu acordado até tarde da noite, suando gotas de sangue durante a tensa oração no jardim do Getsêmani.

Ele foi traído por um de seus amigos mais próximos, Judas. Foi preso sob acusações forjadas e incriminado por falsas testemunhas. Uma multidão enfurecido o espancou severamente, e ele foi despido e chicoteado. Os soldados usaram *flagrum*, instrumento de tortura segurado por um cabo do qual saíam várias tiras de couro como pesos afixados às extremidades, cujos golpes lhe mortificaram as costas, as pernas e as nádegas. Os ganchos entravam fundo na carne, rasgando pele, músculos, tendões e ossos.

O trauma fazia o corpo de Jesus sacudir-se violentamente. A perda de sangue era severa. Na sequência, seus algozes, por puro escárnio, apertaram uma coroa de espinhos em sua frente. Nas costas lhe puseram uma trave pesada e tosca, que ele foi forçado a carregar no meio de uma multidão zombeteira até o local da crucificação. Jesus

desfaleceu sob o peso da cruz, que tombou sobre o seu peito, esmagando os seus cerca de cinquenta quilos e possivelmente perfurando seu pericárdio.

Após arrumarem alguém para ajudá-lo a carregar a cruz, Jesus chegou ao Gólgota, onde os soldados e a multidão lhe puxaram a barba. Ele foi cuspidado e zombado na frente de sua família e amigos. Cravos equivalentes a pregos usados para afixar trilhos de trem foram fincados em suas mãos e pés, locais em que ficam os centros nervosos mais sensíveis do corpo humano. À medida que o levantaram, a multidão o insultava; o corpo dele se convulsionava, gotejando sangue e suor. Depois de algum tempo, Jesus entregou o espírito e morreu. Para garantir sua morte, um soldado atravessou-lhe o lado com uma lança, perfurando-lhe o coração, e dali jorraram sangue e água.

Jesus sofreu imensamente por nossos pecados. Ele foi afligido por nós e para nós. Nosso pecado matou Deus, mas sua morte nos trouxe vida. Sua aflição operou a nossa salvação. Mais que isso, contudo, o propósito primário de seu sofrimento era glorificar a Deus Pai, revelando, de uma única e perfeita vez, justiça e misericórdia verdadeiras. Se você está em Cristo, é capaz de suportar aflição como ele suportou, para a glória de Deus.

Afligidos para o benefício de outros

Quando sofria perseguições, Paulo não perguntava "Por quê?",

mas sim "Quem?", isto é, "Quem eu sou em Cristo?". Dessa forma, o que de outro modo seria angústia, agora se tornava ministério. Paulo explica que sua obra consistia em proclamar um mistério: "que, mediante o evangelho, os gentios são coerdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus" (Ef. 3.6).

Para quem ainda não conhece o evangelho. Jesus permanece um "mistério". A vida de Paulo existia - e a nossa existe - para fazer que outros soubessem que o único Salvador abriu a todos, em todas as nações, o único caminho para a salvação. Portanto, embora sofresse por sua dedicação a Cristo, Paulo se sentia encorajado porque o evangelho era proclamado. Nós também enfrentamos aflição ao pregar as mesmas boas-novas, assim como Maaz sofreu nas mãos de sua família muçulmana. Isso confere significado, propósito e valor ao nosso sofrimento, pois Jesus nos convida a participar de sua boa obra, de modo a vermos vidas transformados e curadas pelo poder do evangelho.

Na aflição, sentimos desânimo quando não nos é possível ter aquilo que mais estimamos, A aflição de Paulo era maligna e dolorosa, mas ele não desanimou nem ficou decepcionado, pois não perdeu o que tinha em mais alta conta - sua amizade com Jesus.

Afligidos para o próprio crescimento

No sofrimento, temos o compromisso divino de aprender três coisas acerca da aflição, as quais nos ajudam a amadurecer como cristãos.

Primeiro, obtemos maior entendimento de quão humilde e gracioso Deus é por nos servir como nosso Servo Sofredor, Jesus Cristo. Deus não veio em glória, mas em humildade; para servir, não para ser servido. Tal realidade deveria nos causar admiração sempre que refletíssemos a respeito. Além disso, é igualmente admirável o fato de Deus nos enviar o Espírito Santo, nosso "Conselheiro".

Segundo, aprendemos a amar e a apreciar melhor aqueles que nos servem. Descobrimos quão profundo e verdadeiro é o amor de algumas pessoas por nós quando estamos sofrendo, passando por necessidades e somos inconvenientes. Os indivíduos que refletem a nós o caráter de Jesus se tornam mais claramente as maiores dádivas em tempos de sofrimento.

Terceiro, quando Jesus e outros nos servem, aprendemos novas formas de servir aos que sofrem. Não é difícil ser consumido por nossa própria vida e ficar insensível às necessidades alheias. Por meio da aflição, porém, Deus nos ensina a abrir o coração, os olhos e as finanças para atender às carências de pessoas afligidas.

Afligidos por credibilidade

Quando passamos por aflições, adquirimos uma credibilidade

singular para tratar de assuntos difíceis, de maneira a promover cura e vida a pessoas que enfrentam as mesmas aflições. Por exemplo, uma amiga nossa foi repetidamente estuprada na adolescência e agora se dirige a vítimas de estupro ralando sobre a cura e a esperança em Jesus Cristo. Apesar de suas experiências serem trágicas, a credibilidade autêntica com os indivíduos que ela aconselha provavelmente não existiria de outro modo.

Talvez o versículo mais desconcertante sobre Jesus em toda a Bíblia, Hebreus 2.10, diz que ele se tornou "perfeito, mediante sofrimento". Isso não significa que Jesus era pecador antes de seus sofrimentos, mas sim que seus sofrimentos lhe permitiram se identificar e simpatizar conosco por completo. Além disso, por meio de seu sofrimento ele conquistou a nossa salvação e um dia retomará para pôr fim a todo pecado e sofrimento (Ap. 21). Até esse dia chegar, temos o compromisso divino de, mediante nossos sofrimentos, tornarmo-nos gradualmente mais semelhantes a ele. Ficamos cada vez mais cativados pelo amor a ele, a quem fizemos sofrer, mais compassivos por aqueles que sofrem e mais comprometidos em oferecer justiça e alívio àqueles que sofrem injustiças.

E quanto a você? Como o sofrimento o vem tornando mais semelhante a Jesus? As pessoas notam que você é transformado pelas provações que enfrenta? Como Deus tem usado sua angústia para seu crescimento e para o benefício de outros?

Para os que são afligidos e estão em Cristo, Jesus é um Deus como quem se pode conversar pessoalmente. Você pode correr até ele e caminhar com ele. Jesus Cristo não se assentou em seu conforto celestial para, de uma distância segura, oferecer conselhos quanto ao nosso sofrimento. Pelo contrário, ele se inseriu na história humana a fim de se identificar conosco. Ele foi tentado. Chorou. Era pobre e não tinha onde morar. Sua família o rejeitou. Seus amigos o abandonaram. Seus discípulos o traíram. Seus inimigos acusaram falsamente. O governo o julgou de maneira injusta e condenou. Os soldados o espancaram sem piedade a ponto de desfigurá-lo. Ele sangrou, sofreu e morreu na vergonha. E ele fez tudo isso para a glória de Deus e para o nosso bem.

Jesus é o nosso benevolente Sumo Sacerdote, que concede graça aos que sofrem e promete justiça aos que não se arrependem. Ele está preparando um lugar para nós e nos deu o Deus Espírito como nosso Conselheiro até o dia de sua volta, para vivermos segundo a nossa identidade em Cristo.

Um dia veremos Cristo face a face. O objeto de nossa fé será visto. Suas mãos com as cicatrizes dos pregos enxugarão nossas lágrimas. *Um dia*, todos os que estiverem em Cristo entoarão juntos seus louvores e contemplarão a glória dele continuamente. *Um dia* ele agirá em todas as coisas para o bem daqueles que o amam. *Um dia* todas as nossas perguntas serão respondidas, nossas esperanças serão

concretizadas e nossos medos serão esquecidos. Até esse dia chegar, seremos afligidos, mas nossa identidade em Cristo não tem de ser afetada.

